

NARRATIVAS IMAGÉTICAS DE PROFESSORAS NA PRODUÇÃO DE OUTRAS EXISTÊNCIAS NEGRAS/ RACIALIZADAS POSSÍVEIS

Maíra Mello¹

Maria da Conceição Silva Soares²

RESUMO

O presente resumo é resultado de minha pesquisa de mestrado em que reflito com cinco professoras negras questões envolvendo racismo de gênero, docência e imagem, além das implicações de seus corpos racializados nos *espaçostempos* das escolas e as implicações desses *espaçostempos* sobre seus corpos. Para isso, utilizei como aparato metodológico-epistemológico as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação, em que as narrativas orais e imagéticas são ferramentas importantes para suscitar percepções sobre as práticas docentes nas múltiplas redes educativas, em constante invenção e reinvenção da própria existência. A pesquisa contou com os usos da fotografia como dispositivo disparador das discussões a partir das imagens que produzimos nos ensaios fotográficos em estúdio, fabulando outras imagens possíveis e conversando sobre as questões de gênero, raça e docência. Dessa forma, discutimos juntas acerca da maneira como elas se veem, como são vistas, como se dão a ver e como gostariam de ser vistas enquanto mulheres-negras-professoras, num processo formativo e subjetivo constante.

Palavras-chave: Imagens, Narrativas imagéticas, Racismo de gênero, Formação de Professoras.

1 Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, PROPED-UERJ, mmello05@gmail.com;

2 Professora e orientadora. Doutora, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PROPED-UERJ, ceicavix@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de minha pesquisa de mestrado em que reflito sobre uma imagem professora a partir da interseccionalidade entre as categorias de gênero, raça e docência. Ele faz parte da pesquisa guarda-chuva de minha orientadora, prof.^ª dr.^ª Maria da Conceição Silva Soares, intitulada “Professoras em devir: fabulações imagéticas de si, problematizações do feminino e implicações para a docência”, que dá continuidade às pesquisas que o Grupo CNPq Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença – CUNADI –, orientado por ela e do qual faço parte, têm desenvolvido desde 2005, na interface entre narrativas audiovisuais, currículos, formação docente e diferença. O objetivo principal da sua pesquisa era problematizar questões que envolvem a imagem padronizada e estereotipada do que é ser uma professora, pela sua condição de mulher e docente, e as implicações na própria docência e além dela, por meio de ensaios fotográficos e videográficos em estúdio, como *espaçotempo* de fabulações.

Das 15 professoras que participaram da pesquisa guarda-chuva, cinco foram interlocutoras de minha pesquisa especificamente: Cátia Cilene – pedagoga e historiadora, professora do Ensino Fundamental I; Cristiane Marcelino – matemática, mestre em Educação, professora de Informática Educativa; Mariana dos Reis – pedagoga, doutora em Educação, professora de uma instituição de ensino para crianças com deficiência visual; Viviane dos Santos – licenciada em Letras/Espanhol, professora de Espanhol no Ensino Médio; e Paloma Monteiro – pedagoga, professora de produção textual no Ensino Fundamental I. Quatro delas autodeclaradas negras e uma, a Paloma, entendendo-se racializada, mas não negra, ainda em processo subjetivo racial.

A tessitura dos conhecimentos e significados atribuídos ao corpo negro é um resultado histórico e cultural, assim como a produção discursiva que reforçou e manteve esse saber-poder até os dias atuais, afetando a construção identitária de cada uma dessas professoras e, também, a maneira como elas entendem a questão racial em suas subjetividades. Juntas, pensamos sobre nossos processos subjetivos raciais e identitário e percebemos em nossas narrativas que nosso processo formativo, tomando a racialidade como principal viés analítico, se iniciou na família, por meio da rejeição/aceitação (GOMES, 2019) e da negação da racialidade de cada uma por nossos familiares, de acordo com os relatos de algumas. Outras tiveram diferentes redes, como os locais de trabalho e as relações sociais.

Além dessas redes, outras também contribuíram para formação subjetiva racial das professoras. Mariana e Viviane apresentaram em suas narrativas como os *saberesfazer*s de estudantes racializadas teceram uma rede de outros saberes

acerca das questões raciais, potencializando seus corpos no mundo e contribuindo diretamente com a construção da identidade negra de cada uma, gerando implicações na formação e autoformação docente com o currículo praticado na escola. Já para Paloma, seu próprio corpo na escola é motivo de tensionamento e problematizações, levando a prática de novos currículos. Ao chegarmos à Cristiane e Cátia, o fato de seus corpos com tons de pele mais escuros retornarem aos *espaçostempos* das escolas em outra posição, como docentes, contribui tanto para a autoformação, quanto para a representatividade, segundo elas. Seus diferentes corpos passam por questões diferentes e particulares no dentro-fora das escolas a partir das nuances de tons de pele e outros fenótipos. Entendo ainda que a relação estabelecida entre mim e as professoras durante a pesquisa, também é *espaçotempo* de problematização, formação, autoformação e formação continuada, como forma de potencializar os diferentes *currículos praticados*, principalmente no exercício docente (OLIVEIRA, 2003; 2007), ampliando nossas redes de conhecimento sobre gênero, raça, racialização e racismo.

Dessa forma, as docentes desta pesquisa mostraram em suas narrativas que estão em um processo ininterrupto de entendimento sobre o que são seus corpos racializados e de que forma eles são vistos, como devem estar, viver e experimentar o mundo a partir das violências simbólicas cometidas contra eles: o racismo. No caso de professoras, um constante processo subjetivo enquanto mulheres, docentes e racializadas.

METODOLOGIA

Em nosso grupo de pesquisa, fazemos uso das audiovisualidades como dispositivo de pesquisa-intervenção, entendendo-as como práticas de criação, fabulação e invenção de si (KASTRUP, 2007). Criação, não no sentido de criatividade, mas como espaço de problematização e para pensarmos as implicações e, conseqüentemente, soluções, como processo de aprendizagem para além do já sabido. Assim, usei a fotografia como dispositivo de pesquisa-intervenção para apresentar, discutir e problematizar junto com as professoras como esses corpos femininos negros/racializados se constituem, são constituídos, marcados, vigiados, controlados dentro-fora das escolas, problematizando as interseccionalidades envolvendo raça, gênero e docência.

Utilizei como aparato teórico-metodológico-epistemológico as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação, em que as narrativas orais e imagéticas são ferramentas importantes para suscitar percepções sobre as práticas docentes a partir das representações dessa docência, possibilitando refletir sobre os

processos de constituição dos sujeitos em suas práticas nas múltiplas redes educativas, *dentrofora* das escolas, em constante invenção e reinvenção da própria existência. Fiz uso das imagens nesta pesquisa como disparadoras de problematizações, compondo e impulsionando outras linguagens.

Tanto a narrativa verbal quanto a imagética funcionam não como representação do real, mas sim como criação ou fabulação sobre o real. São interpretações da realidade. Da mesma forma que ao narrar, o mais importante não é o fato, mas o que é dito sobre o fato (CERTEAU, 2014), a fotografia, dispositivo de pesquisa que utilizei, funciona nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos como possibilidade das diversas interpretações possíveis da imagem criada daquele momento. Soares (2010), em diálogo com Certeau (2014), nos aponta a importância dos usos da fotografia nas pesquisas “como potência para a produção de *teoriaspráticas* que visem à compreensão e a invenção do vivido” (SOARES, 2010, p. 70).

Em um estúdio fotográfico, criamos um *espaçotempo* de representações, autoapresentações e fabulações de si, questionando, por meio das imagens produzidas durante os ensaios fotográficos, o que é discutido como relativo ao feminino com e para além da docência e produzindo novas/outras imagens. Lembrando sempre que corpo é imagem. Assim, solicitei a cada uma que levasse para o ensaio objetos pessoais, roupas e acessórios que quisesse, a partir do que passam e sentem: como elas se veem, como gostariam de ser vistas, como as pessoas as veem, como também elas se autoapresentam e se autorrepresentam a partir (e apesar) de e com as situações que vivenciam e/ou inventam³.

REFERENCIAL TEÓRICO

É entendendo o contexto complexo e difícil na luta contra o racismo que pensamos uma imagem-professora a partir de questões mais específicas de mulheres negras/racializadas: um perfil docente foi engendrado e, a partir dele, produzido uma referência de aparência, comportamento, caráter, qualificação, enfim, um rosto (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Não há como pensarmos nesse rosto sem levarmos em conta outros atravessamentos. É a partir do imaginário sobre essa professora, interseccionando com as questões e a imagem produzidas da mulher negra/racializada, que discuti junto com as docentes: Quais imagens engendradas sobre a mulher docente e quais/quantas outras possíveis poderíamos agenciar?

Para isso, refleti sobre meu caminhar cotidiano na vida - com minhas próprias experiências com o racismo e as questões raciais - e na pesquisa. Com Nilda

³ Inventam no sentido que criam, produzem, contam.

Alves (2019), fui além do já sabido e teci conhecimentos outros, em outras redes dentro e fora da universidade. Utilizei as pesquisas nos/dos/com os cotidianos como aparato metodológico que orientou toda a pesquisa em conversas com Certeau (2014), Alves (2006; 2019) e Oliveira (2003; 2007); e, tendo como dispositivo disparador para a problematização a fotografia, entendendo que as audiovisuais nos auxiliam em outras maneiras de produzir ciência (SOARES, 2010; 2016).

Dessa forma, pensamos sobre nossos processos subjetivos raciais, em como nos sabemos racializadas a partir de falas e ações sobre o nosso corpo em conversa com Hordge-Freeman (2019), Schucman (2019) e Souza (2019). Contextualizei a produção histórica, cultural e discursiva sobre o corpo com Nogueira (1998), Rodrigues (1983), Foucault (2002; 1979) e Carneiro (2005), ao mesmo tempo em que levantei questionamentos sobre a produção da identidade com Munanga (2019), Bhabha (2011) e Certeau (2012), pensando os mestiços enquanto sujeitos pertencentes a um ‘grupo/não grupo’, a partir das questões problematizadas junto às docentes sobre identidade negra.

Discuti ainda como os corpos negros/racializados das docentes transitam nos *espaçotempos* das escolas e da universidade, as práticas docentes e as implicações de seus corpos marcados nos currículos praticados. Para essa discussão conversei com as *práticas políticas* de Oliveira (2003; 2013); o entendimento de que a formação docente é uma formação, assim como uma produção de subjetividade, e acontece nas múltiplas redes de conhecimento de acordo com Alves (2006); e a importância de uma educação antirracista com Gomes (2008; 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma sociedade formada à base de discriminação, racismo, sexismo, misoginia, classismo, homofobia, lesbofobia, transfobia, todas as formas de intolerância e de violência - prática e simbólica - contra quem é considerado diferente, que destoa, que desvirtua do metro-padrão, do modelo desejável e socialmente reconhecido como merecedor de todos os privilégios. No caso da população negra, a situação toma outros meandros, marginalizando-a, empurrando-a para as periferias das cidades para não se misturar às “pessoas de bem”, sendo enquadradas como violenta. Ver mulheres negras/racializadas na Educação é extremamente significativo e representativo.

Durante as conversas que tive com as professoras percebi que todas, sem exceção, entendiam a importância de ocuparem o lugar que ocupam. Cátia, por exemplo, é a única com nível superior na família. Os pais são semianalfabetos. A conquista dela já interfere na forma como uma sobrinha vê as possibilidades

para uma mulher negra no mercado de trabalho. Cristiane é filha de empregada doméstica que, ainda hoje, quando tem acesso a algum prédio, se direciona automaticamente para o elevador de serviço. Cristiane é mãe de dois meninos e tudo na casa dela envolve a valorização da negritude. Elas e todas as outras tentam, a todo o momento, mudar a imagem e as ações que as colocam em um lugar subalterno.

A minha subjetivação racial e dessas professoras é um processo que se mantém contínuo, seja ainda na tentativa de se descobrir ou tornar-se negra ou na reafirmação dessa identidade. Independente de como cada uma se vê ou passou pelo processo, percebemos que esse aconteceu a partir do olhar do outro sobre elas, fato que se mantém a todo o momento em nossas vidas. A partir disso, elas nos mostraram que o rosto professora é de uma mulher branca e de uma classe social mais elevada, em contra partida às que têm, principalmente, o tom de pele retinto e/ou que o lugar de moradia seja pobre. Porque a interccionalidade entre raça, gênero, territorialidade, geração e classe se acentua para esses corpos. Apesar disso, ao confrontarmos as imagens, as rostidades produzidas pela sociedade sobre elas, e as imagens que construímos juntas, a partir da desconstrução desse rosto, por meio das fotografias, fabulando sobre essa rostidade professora, pudemos apresentar subjetividades outras e singularidades em potência, que implicam diretamente no currículo praticado por elas nas escolas.

Fabulamos outras imagens possíveis sobre suas existências nas fotografias, mas elas fabulam essas mesmas imagens todos os dias na prática docente, praticando outros currículos a partir da questão racial. As implicações nos currículos praticados por elas gera possibilidade de trabalhar o tema com os estudantes sem muita resistência. Apenas no caso da Mariana, a partir de um evento organizado por ela sobre racismo estrutural, outros/as professores/as se mostraram racistas, associando a imagem dos/as estudantes da instituição a possíveis criminosos/as. Fora esse fato, ela, Viviane e Paloma mostraram trabalhar o tema a partir dos questionamentos sobre seus corpos racializados direto com os/as estudantes, seja sobre a autoidentificação negra, seja sobre consentimento em relação ao outro toque no nosso corpo, entre outros.

Poderíamos pensar que uma mulher negra/racializada que é ensinada desde criança que seu lugar na sociedade já está delimitado por conta de sua racialidade e, portanto, ou ela tenta se adequar ou será marginalizada, seria uma mulher triste. Entendemos que sim, esse é o resultado para muitas mulheres negras/racializadas, o que leva a inúmeras discussões sobre solidão e saúde mental delas. Mas o que vemos nesta pesquisa são mulheres que, mesmo com todas as tentativas de interdição sobre suas existências, se mostram felizes. Longe de romantizar a luta ou *glamourizar* a „volta por cima“, como uma tentativa de final feliz como nos

contos de fada, entendo que a maioria tenta existir e resistir na prática cotidiana de uma luta antirracista nos diversos *espaçostempos*, seja na família, nas escolas, nas universidades e/ou no convívio social. E se manter sã no meio disso tudo, é um ato de coragem, exercitado diariamente.

Figura 1: Cátia Cilene



Fotos: Maíra Mello

Figura 3: Mariana dos Reis



Fotos: Maíra Mello

Figura 2: Cristiane Marcelino



Fotos: Maíra Mello

Figura 4: Paloma Monteiro



Fotos: Maíra Mello

Figura 5: Viviane dos Santos



Fotos: Maíra Mello

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas „conversas“ acerca deles. *In:* OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKING, Maria Luiza. (Orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba, CRV, 2019.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. A construção do conhecimento e o currículo dos cursos de formação de professores na vivência do processo. *In:* ALVES, Nilda. (Org.). **Formação de professores:** pensar e fazer. São Paulo, Cortez, 2006. Coleção Questões da Nossa Época, v.1.

BHABBA, Homi K. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses.** Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____ **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** Capitalismo e esquizofrenia 2. v. 3. São Paulo: Editora 34. 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.

_____ **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da lei 10.639/2003. In: Moreira, A. F.; Candau, V. **Multiculturalismo:** diferenças culturais e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 67-89.

_____ **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____ **Sem perder a raiz:** corpo negro e cabelo como símbolos da identidade negra. Autêntica, 2019. Edição Kindle.

HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. **A Cor do Amor:** características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras. 2019.

KASTRUP, Virgínia. **A Invenção de si e do mundo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro.** 1998. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – USP, São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados:** entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____ **Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo.** Educ. Soc. , Campinas, vol. 28, n. 98, p. 47-72, jan./abr. 2007.

_____. Currículo e processos de aprendizagemensino: políticaspráticas Educa-
cionais Cotidianas. In: **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez.
2013.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983. Edição
Kindle.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais**: tensões entre cor e amor. EDU-
FBA, 2018.

SOARES, Conceição. As imagens da escola e as redes de comunicações, conhe-
cimentos e sentidos. In: BERINO, Aristóteles; SOARES, Maria da Conceição Silva.
(Org.). **Educação e imagem**: instituições escolares, mídias e contemporaneidade.
Petrópolis, RJ: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

_____. O audiovisual como dispositivo de pesquisa nos/com os cotidianos da
escola. Dossiê: **Encontros com Imagens, Pesquisa e Educação**, v. 14 n. 1, 2016.